

Coleção Aventuras Grandiosas

**Mark Twain**

# O PRÍNCIPE E O MENDIGO

Adaptação de Rodrigo Espinosa Cabral

1<sup>a</sup> edição

 EDITORA  
RIDEEL

## 1. NASCE UM PRÍNCIPE, NASCE UM MENDIGO

Numa noite antiga de outono, em Londres, por volta de 1530, nasceram dois meninos muito parecidos fisicamente, mas diferentes em vários outros aspectos. Eduardo Tudor nasceu num castelo, cercado de ouro, cristais, seda, conforto e calor. Era o filho do rei Henrique VIII, o que fazia dele um príncipe, o herdeiro da coroa. Sua chegada ao mundo trouxe esperança e felicidade ao reino e, por quase toda a Inglaterra, as pessoas comemoravam. Com exceção, talvez, de um pequeno subúrbio chamado Offal Court. Lá, após uma gravidez indesejada e um parto sofrido, nascia Tom Canty. Ao ver o recém-nascido chorando, seu pai falou com raiva:

— Pronto, mais uma boca para alimentar! Que desgraça!

Sua avó também fez alguns comentários ao ver o bebê:

— Maldição! Eu esperava que ele morresse no parto, mas agora que nasceu vamos ter que passar ainda mais fome nesse **CORTIÇO** miserável!

A mãe de Tom, muito dolorida, escutou tudo quieta e preferiu não repreender seu marido e sua sogra, pois tinha medo de apanhar deles. Em vez de discutir, ficou ninando o bebê e tentando dar a ele alguma alegria. Era difícil, já que moravam amontoados em uma única sala, que servia também de cozinha e quarto. Havia apenas um colchão para o casal. A avó e as irmãs gêmeas de Tom dormiam sobre **TUFOS** de palha espalhados pelo assoalho. Outras famílias viviam naquela construção da mesma forma. As condições de higiene eram péssimas e não era difícil ver ratos e baratas passeando pelos recintos.

John Canty, o pai de Tom, ganhava a vida roubando, mas o pouco dinheiro que conseguia gastava bebendo. Ao chegar em casa, batia na mulher e

☞ **CORTIÇO:** habitação coletiva dos menos favorecidos

☞ **TUFO:** porção, pequeno monte

nas filhas. Tom cresceu nesse meio ambiente **HOSTIL**, tendo todos os motivos para se revoltar, mas, por sorte, conheceu um padre que mudou sua vida.

Por motivos políticos, o padre Andrew havia sido expulso do castelo e, sem recursos, decidira viver em meio aos miseráveis de Offal Court. Lá ele procurava modificar a vida das crianças e tentava ensiná-las coisas úteis. A maioria não dava atenção para Andrew, porque achava sua conversa muito chata, mas, para Tom, cansado de ser espancado e maltratado em casa, o interesse do padre foi uma **DÁDIVA**.

Logo ficaram amigos e Andrew ensinou Tom a ler e a escrever. Essas duas ferramentas abriram várias oportunidades para ele. O padre emprestava-lhe livros e Tom simplesmente **SUBMERGIA** entre as letras. As palavras transformavam sua existência. Quando estava lendo, Tom deixava de ser uma pobre criança que era obrigada a mendigar pelo seu pai explorador. Com um livro nas mãos, Tom assumia outras funções, seu rosto enchia-se de alegria e ele cavalgava cavalos de batalha, salvava donzelas em perigo, matava dragões, freqüentava bailes da nobreza, participava de banquetes, conversava com reis... Através da literatura, Tom transformava sua vida difícil em algo mais doce.

Padre Andrew ainda deu ao rapaz noções de história, geografia, higiene, comportamento e uma introdução ao latim. Contudo, o maior interesse de Tom era pelas histórias de nobres e reis. O rapaz gostava tanto delas que passou, aos poucos, a se comportar como um príncipe. No começo as pessoas riam dele, mas depois se acostumaram. Alguns até admiravam o jeito de falar bonito e os modos refinados que Tom herdara dos livros. Para **DAR VAZÃO** ao seu desejo de viver na realeza, o pequeno Tom montou com seus amigos uma **CORTE** de brincadeira. Seus amigos viraram **SÚDITOS**, **CLÉRIGOS**, cavaleiros, príncipes e princesas, todos de mentirinha.

- ☞ **HOSTIL**: agressivo, contrário
- ☞ **DÁDIVA**: presente
- ☞ **SUBMERGIA**: afundava
- ☞ **DAR VAZÃO**: atender, solucionar
- ☞ **CORTE**: grupo de pessoas que fazem parte de um castelo
- ☞ **SÚDITO**: submetido à vontade de um soberano
- ☞ **CLÉRIGO**: sacerdote cristão



Assim Tom foi crescendo e chegou à adolescência, uma fase que se mostrava mais complicada do que a infância. Seus amigos já não queriam mais brincar de castelo e seu pai batia-lhe cada vez mais e obrigava-lhe a mendigar, já que Tom sempre se recusava a roubar. O garoto só encontrava a paz quando arrumava um tempo para ler ou durante a noite, quando dormia e sonhava com a vida na realeza.

Um desses sonhos foi tão nítido e forte que acabou seduzindo o garoto e, naquela manhã, ele saiu de Offal Court disposto a conhecer um castelo e um príncipe de verdade. Caminhou até o centro de Londres e por lá continuou durante três horas, tentando conseguir umas moedas para que seu pai não reclamassem na volta. Mas não conseguiu nada. Enquanto perambulava pelo centro, tentava encontrar alguma construção que lembrasse um castelo, mas foi em vão, até que encontrou uma estrada calçada com pedras e contornada por grandes árvores. Era um caminho bonito, com belas casas, e Tom resolveu segui-lo. Caminhou muito, afastando-se do centro, até que, duas horas depois, chegou em frente de um imenso gramado verdejante. Ao fundo, um enorme castelo cinza-claro erguia-se cobrindo parte do horizonte. Bandeiras tremulavam no alto de suas torres.

Ao deparar-se com a construção, Tom perdeu o fôlego. Sentia-se como uma barata mediante a beleza daquele jardim e da grandiosidade da fortaleza, que ficou uns dez minutos olhando, com a boca aberta. Depois, caminhou lentamente até os portões do palácio. Seus pés tinham bolhas e doíam muito, mas a emoção de ver o castelo era maior. No portão principal havia uma grande grade dourada e dois cavaleiros com armaduras metálicas protegiam os **FLANCOS** da entrada.

Ao aproximar-se da grade para espiar o movimento dentro do castelo, Tom levou um puxão e foi empurrado por um dos **SENTINELAS**, caindo aos pés de seu agressor.

— Cai fora daqui, mendigo!

☞ **FLANCO:** lado, parte lateral

☞ **SENTINELA:** guarda, vigia

Movido pelo desejo maior que era espiar para além das grades, Tom levantou-se e correu novamente em direção ao portão, onde se agarrou e viu um jovem louro como ele, provavelmente da mesma idade, vestido como um príncipe que até então Tom só encontrara nos livros.

Estava maravilhado, mas teve sua visão interrompida pelo guarda que, com um chute, retirou-o da grade e novamente o franzino Tom caiu na laje fria em frente do castelo, soltando um grito de dor. O grito chamou a atenção do príncipe dentro do castelo, que, curioso, veio verificar o que estava acontecendo. Ao perceber que seus guardas maltratavam um mendigo, o sangue nobre de Eduardo ferveu e ele imediatamente ordenou que os guardas largassem o garoto.

— Vocês deviam envergonhar-se por serem tão covardes! — disse o príncipe repreendendo os guardas. — Meu pai deveria enforcá-los por isso, mas...

Ao notar a semelhança entre ele e o mendigo, Eduardo até se esqueceu do que estava falando e ficou mudo. Com um gesto mandou que os guardas abrissem os portões e deixassem Tom entrar no castelo.

## 2. TROCA-TROCA

Era como se Tom estivesse sonhando. Era como se estivesse vivendo em um livro. Mal podia acreditar que seus sapatos sujos e furados estivessem sobre um piso de mármore. Arregalava os olhos a cada quadro dependurado nas vastas paredes e seu pescoço chegava a doer quando olhava para cima e via os lustres de cristal. Eduardo ordenou que Tom o acompanhasse até seu aposento, mas era difícil apenas seguir o príncipe, sem se admirar com a grandeza dos salões, a maciez dos tapetes, a limpeza e o ar sério do palácio.

Ao entrarem no quarto, ainda intrigado com a incrível semelhança entre os dois, o príncipe falou:

— Qual seu nome?

— É Tom Canty, Sua Alteza. — Embora já houvesse falado daquela maneira,



ra muitas vezes em suas brincadeiras, era a primeira vez que Tom usava aquele pronome de tratamento numa situação verdadeira .

— Você sabe quem eu sou?  
— Acredito que seja o príncipe Eduardo, filho do rei Henrique VIII!  
— Isso mesmo. E você, é filho de quem?  
— Sou filho de John Canty, Alteza. Um homem muito mau.  
— Por que dizes isso de seu pai?  
— Meu pai é um bêbado ladrão. Bate em minha mãe, em mim e em minhas irmãs!  
— Precisamos dar um jeito nisso! Hoje mesmo vou mandar uma patrulha real conversar com seu pai. Se ele confessar seus crimes será preso e não incomodará mais você.

Por um momento Tom achou que era uma brincadeira, mas o príncipe falava sério, movido pelo seu coração justo e pela curiosidade que o intrigava cada vez mais, já que, quanto mais olhava para o mendigo, mais o achava parecido com ele. Para disfarçar sua surpresa, fez uma nova pergunta.

— Onde você mora, Tom?  
— Em Offal Court, Alteza. Um subúrbio miserável, do outro lado da cidade. Eduardo interessou-se e começou a fazer perguntas sobre a vida de seu **SÓSIA**.  
— Como é a vida lá?  
— Ah, é muito pobre, não temos nada de luxo. Não se compara em nada ao conforto deste palácio, por exemplo.  
— Mas você tem amigos?  
— Isso eu tenho! Dezenas de amigos! As famílias são muito numerosas na minha região.

Ao ouvir aquilo, o príncipe sorriu. Era um garoto muito solitário. Vivia cercado de pessoas mais velhas: professores, tutores, conselheiros, criados, serventes... Sentia vontade de poder agir como uma pessoa normal ou de pelo menos conhecer uma. Talvez por isso tivesse convidado Tom a entrar no castelo, motivado pela grande semelhança entre os dois.

☞ **SÓSIA:** indivíduo muito parecido com outro



— Tom, preciso que você me conte como é ter muitos amigos. O que vocês fazem? Como se divertem? Do que brincavam quando eram menores ou mesmo hoje?

Tom abriu um sorriso, pois aquela pergunta parecia tão óbvia. Mas gostou de lembrar os bons momentos da infância ao relatar para o príncipe:

— Nós temos muitas brincadeiras, Alteza. Gostamos de correr, de fingir que somos cavaleiros do rei e lutamos com espadas de pau. Na verdade temos até uma corte de brincadeira. No verão fazemos guerra com barro e tomamos banho no Tâmisa. Um dos meus amigos esculpe belos castelos com areia e terra e nós o ajudamos. Também organizamos várias competições como quem sobe mais rápido numa árvore, quem cospe mais longe...

Eduardo se deliciava com o relato de Tom. Disse ao mendigo que daria seu reino se pudesse passar momentos felizes como aqueles que Tom contara.

— Que estranho! Eu daria tudo o que tenho (embora não tenha nada) só para usar roupas de um príncipe.

— Então está feito! — disse o Eduardo, tirando suas roupas e entregando-as para Tom.

— Vamos lá, Tom, tire suas roupas e vista as minhas. Vamos trocar de lugar um pouco. Tenho curiosidade em saber como é ser um mendigo.

Meio nervoso, Tom tirou sua camisa rasgada e colocou a camisa perfumada e limpinha do filho do rei. E fez o mesmo com as calças e os calçados. Quando acabaram a troca, ficaram um ao lado do outro, em frente a um grande espelho e Eduardo falou:

— Você é praticamente idêntico a mim! Que coisa incrível!

— Ainda bem que sua Alteza percebeu isso também, porque eu estava achando que era um **DELÍRIO** da minha imaginação e fiquei com medo de comentar antes.

— Não é delírio não, Tom! Somos quase iguais e, agora que estou vestido como você, sinto ainda mais vergonha pela atitude que meus guardas tiveram. Tive uma idéia, espere aqui.

☞ **DELÍRIO:** distúrbio que altera a consciência da realidade



Movido por seu senso de justiça e por sua **IMPULSIVIDADE**, Eduardo deixou o quarto vestido como mendigo e rapidamente se dirigiu até os portões do castelo. Lá gritou para que os portões fossem abertos. O soldado que havia sido repreendido pelo príncipe atendeu as ordens do falso mendigo e, quando este se encontrava do lado de fora do palácio, aproveitou para dar-lhe um forte tapa na orelha.

O ouvido de Eduardo zuniu enquanto ele caía na calçada.

— Esse golpe é para você aprender a não vir mais aqui, mendigo. E também para me vingar, pois graças a você eu fui **REPREENDIDO** pelo príncipe Eduardo!

De nada adiantou Eduardo gritar com o súdito, dizendo que mandaria enforcá-lo por ter agredido a sagrada pessoa do príncipe. Os guardas começaram a rir daquele “mendigo” que se dizia príncipe. Atraídos pela algazarra, pessoas do povo que passavam por ali também começaram a rir de Eduardo e, quanto mais ele gritava e tentava explicar que era o filho do rei, mais as pessoas riam dele e faziam piadas e o chamavam de mendigo real. Até que fizeram menção de espancá-lo para que não **CAÇOASSE** do príncipe Eduardo. Vestido de mendigo, o verdadeiro príncipe não teve outra alternativa a não ser fugir.

Enquanto isso, no castelo, Tom, maravilhado com as roupas, andava pelo quarto examinando seus móveis de mogno e sua decoração impecável. Sobre uma cômoda encontrou um grande exército de soldadinhos de chumbo e por alguns minutos ficou brincando com eles. Depois lhe ocorreu que Eduardo poderia voltar a qualquer momento, por isso reorganizou os brinquedos e foi até a janela do quarto, mas não havia sinal do príncipe lá embaixo. Tom estranhava a demora de seu novo amigo, e a espera, naquele quarto cheio de tapetes, foi lhe deixando sonolento. Cansado de sua longa caminhada, Tom olhou para a cama maravilhosa de Eduardo, mas resolveu deitar nos macios tapetes, para não abusar da hospitalidade de seu **ANFITRIÃO**, e ali dormiu.

- ☞ **IMPULSIVIDADE:** qualidade de quem age sem muita reflexão
- ☞ **REPREENDIDO:** advertido, censurado
- ☞ **CAÇOASSE:** zombasse
- ☞ **ANFITRIÃO:** quem recebe convidados

Em sua fuga, Eduardo **EMBRENHOU-SE** por locais onde nunca havia estado. Aos poucos a paisagem ia mudando e as casas ricas e bem-cuidadas iam dando lugar a terrenos **BALDIOS** e casas mais simples. Apavorado, o filho do rei correu até que se sentisse seguro. Quando já estava cansado, parou. Era uma rua suja. Sentou-se na calçada e pensou no que fazer. Se voltasse para o castelo seria maltratado pelos guardas e perseguido pelo povo novamente. Poderiam até mesmo prendê-lo ou enforcá-lo. Pensou mais um pouco e lembrou-se do nome do subúrbio em que Tom morava: Offal Court. Era isso. Encontraria o lugar e falaria com os pais de Tom para que o mal-entendido fosse resolvido.

Perguntou para as pessoas do local onde era Offal Court, mas elas não sabiam. Muitas nem lhe dirigiam o olhar. Seus primeiros impulsos eram de gritar e ameaçar seus súditos com a prisão e a força, mas logo se lembrava de que agora era um mendigo e que as pessoas iriam rir dele se insistisse naquela história.

No palácio, alguém batia à porta do aposento do príncipe. Tom acordou e, em princípio, achou que tinha tido o sonho mais maluco de toda a sua vida, mas ao abrir bem os olhos viu que continuava no quarto do filho do rei e suas mãos tocavam um tapete macio em vez da palha suja de sua “cama” em Offal Court. Essa percepção o fez ficar de pé imediatamente. Continuavam a bater na porta. Tom abriu, na esperança de que fosse Eduardo, mas era um **PAJEM** anunciando a presença de Lady Jane Grey, a prima do príncipe Eduardo.

Ao ver a bela garota, Tom ficou **PÁLIDO**. Pensou: “é agora que eles descobrem que eu não sou Eduardo e me mandam para forca!”. Jane viu que o “príncipe” não estava bem e perguntou o que estava acontecendo.

Temendo o pior, Tom ajoelhou-se aos pés da nobre e, muito nervoso, começou a dizer:

- ☞ **EMBRENHOU-SE:** enfiou-se no mato
- ☞ **BALDIO:** sem proveito ou uso
- ☞ **PAJEM:** criado que acompanha outro nobre
- ☞ **PÁLIDO:** com a pele branca, esmaecida



— Eu não sou o príncipe! É tudo um engano! Sou um mendigo miserável! O príncipe deu uma saída mas vai voltar. Você tem que acreditar em mim.

Surpresa por ver o suposto filho do rei aos seus pés, Jane saiu correndo. Os criados e a pajem viram a cena e não demorou para que logo os rumores de que o príncipe Eduardo havia enlouquecido se espalhassem pelos saguões do castelo. Menos de uma hora depois o rei ficou sabendo do ocorrido e mandou chamar seu filho.

Ao entrar no salão do trono, Tom tremeu. Um homem de cabelos e barba grisalhos ostentava uma coroa na cabeça e olhava para ele com interesse.

— Aproxime-se, filho — disse o rei Henrique VIII.

Espantado com tudo aquilo, Tom deixou seus pensamentos escaparem sob a forma de palavras.

— O senhor é o rei? — perguntou o garoto desnorteado.

Houve alguns risos entre os cortesãos e cortesãs. O rei pediu silêncio total a seus súditos e falou:

— Pelo visto o que me contaram não era **CALÚNIA**. Uma enfermidade se abateu sobre você, filho. Vou proceder a uma prova intelectual para tentar avaliar a gravidade da situação, certo?

### 3. A PROVA REAL

Naquele momento, a última coisa que Tom poderia querer era uma prova. Tinha fome e suas pernas ainda estavam cansadas. Mas o pior era o seu nervosismo ao se defrontar com o rei da Inglaterra, que pensava que ele era seu filho. Por isso, criou coragem e tentou explicar a situação.

— Senhor rei, está havendo um engano brutal aqui. Eu não sou o príncipe Eduardo. Eu sou um mendigo. Houve...

A palavra “mendigo” arrancou gargalhadas dos nobres que assistiam ao diálogo em frente do trono. A zombaria tirou Henrique do sério e ele bateu com seu cajado contra o piso de mármore, gritando:

☞ **CALÚNIA:** mentira, falsidade, invenção

— Calem-se! Quietos! A partir de hoje está proibido rir, zombar e até mesmo mencionar a doença de meu filho. Ele é o príncipe de Gales e, louco ou não, será rei da Inglaterra em pouco tempo. Quem desobedecer minha lei será preso, condenado a trabalhos forçados. Fui claro?

Um silêncio rochoso tomou conta do palácio e então o rei, num tom de voz calmo e macio, perguntou a Tom:

— Filho, por favor não nos conte mais essa história de mendigo. Você deve ter batido a cabeça ou alguém deve ter feito um feitiço contra você. Mas não se preocupe, pois eu lhe prometo que ficará bem.

Sem alternativas, Tom concordou com o soberano que iniciou o teste intelectual. Fez uma pergunta em latim. O garoto respondeu com alguma **HESITAÇÃO**. O rei prosseguiu seu teste fazendo uma pergunta em francês, mas o garoto disse que não conhecia aquela língua. O rei sentiu uma tontura e recostou-se nas almofadas do trono. Os médicos reais correram para **ACUDI-LO**, mas o monarca dispensou-os com um gesto.

— Eduardo, vejo que seus conhecimentos apresentam-se aquém da instrução que lhe temos proporcionado. Mas creio que seja um problema passageiro. Até que se cure ninguém mais vai lhe importunar e será crime zombar de sua atual condição. Hoje, ainda lorde Hertford cuidará de tudo para que você seja **INVESTIDO** e confirmado como príncipe herdeiro do trono inglês.

— Vossa Majestade — disse o lorde Hertford, dirigindo-se ao rei —, o marechal Norfolk segue como prisioneiro na Torre e, por lei, cabe a ele investir oficialmente nosso jovem príncipe...

— Não me venha com essas tolices, Hertford! Convoque o parlamento. Quero que Norfolk, aquele miserável traidor, seja julgado e condenado à morte antes que o Sol volte a nascer no dia de amanhã ou todos irão se arrepender amargamente!

— A vontade do rei é lei — murmurou Hertford.

☞ **HESITAÇÃO**: ato de hesitar, ficar indeciso, com dúvida

☞ **ACUDI-LO**: ajudá-lo, socorrê-lo

☞ **INVESTIDO**: aqui no sentido de agraciado, acometido, empossado





Mais calmo, o rei se voltou para Tom e disse:

— Fique tranquilo, meu filho. Seu caminho para a coroação está sendo muito bem planejado por mim; retire o medo de sua jovem face.

— Senhor, pelo que entendi, um homem vai morrer por minha causa e isso me aflige!

O rei soltou um sorriso de satisfação e disse:

— Vejo que a doença lhe confunde o cérebro, mas não lhe afeta o coração. Continua sendo um jovem gentil. O duque Norfolk é um empecilho entre você e as honras a que tem direito, por isso vou eliminá-lo. Você não precisa se preocupar com esses assuntos. Norfolk não merece sua atenção. Agora volte para seus estudos e suas distrações. Estou cansado. Minha doença vem se propagando e preciso dormir um pouco para melhor combatê-la.

Nos corredores, de volta ao “seu” aposento, o príncipe via a agitação e a preocupação dos criados em lhe servir bem. As pessoas faziam **REVERÊNCIAS** a ele e podia sentir no olhar que muitos o temiam. Era como se fosse inatingível, intocável, imperturbável. Era como um belo passarinho emplumado em sua gaiola de ouro. Fazia poucas horas que estava nas funções de Eduardo, mas já sentia muita saudade de sua mãe e irmãs e dos amigos de Offal Court. Tom passara anos sonhando em ser um príncipe e agora que, sem querer, havia conseguido, achava a realidade assustadora e trágica.

Mais tarde, em seu aposento, Tom recebeu a visita de Hertford que pediu, a mando do rei, para o príncipe ocultar ao máximo sua doença e não mais negar suas origens reais em público. Era uma ordem real para a proteção e segurança dos assuntos do reino. Sem alternativas, Tom foi obrigado a concordar.

Com um ar de satisfação no rosto, lorde Hertford perguntou se o príncipe desejava alguma coisa. O garoto quis um copo d’água. Imediatamente um criado o serviu um copo e, agachado com o joelho ao chão, ergueu a bandeja de ouro para Tom. Sem dúvida, a partir daquele dia a vida dos dois garotos nunca mais seria a mesma.

☞ **REVERÊNCIA:** saudação respeitosa

Sentindo muita sede, Eduardo teve que bater à porta de seis famílias para que somente na sexta casa uma bondosa senhora lhe oferecesse um copo de argila com uma água um pouco **TURVA**. O príncipe bebeu e agradeceu, prometendo retribuir em ouro o favor prestado por aquela senhora ao jovem príncipe de Gales. A mulher riu e fechou a porta, pensando que os mendigos começavam a beber e a falar loucuras cada vez mais cedo.

Refeito pelo líquido turvo, mas refrescante, Eduardo seguiu seu caminho rumo ao centro da cidade, onde pretendia colher novas informações sobre a localização de Offal Court. Quando chegou ao centro seus pés doíam. Nunca havia caminhado tanto e nunca havia enfrentado tantos contratemplos e indelicadezas como naquela tarde. Perambulou pelas ruas e praças. Sentiu seu estômago se contorcer de fome ao ver doces, bolos e salgados na vitrine de uma confeitoria. Pensou em roubá-los, mas sua educação nobre o impediu. Para distrair-se, caminhou até uma fonte onde três mendigos conversavam. Aproximou-se e perguntou-lhes se conheciam Offal Court.

Os mendigos riram do jeito educado com que Eduardo falava, mas indicaram a direção e o garoto seguiu seu caminho. Percorreu ruas e vielas cada vez mais pobres, sempre na direção indicada pelos mendigos. Ao passar em frente de um beco, sentiu que lhe agarravam o pescoço com um puxão.

— Onde está meu dinheiro, moleque?

— Hein?!

— Não se faça de besta, passe logo pra cá o dinheiro que mendigou hoje.

— Eu não sou um mendigo, seu bêbado **DECRÉPITO**. E tire suas mãos de mim ou será enforcado em nome do rei Henrique VIII, meu pai!

— Seu pai sou eu, Tom! — disse o bêbado John Canty, caindo na gargalhada. — Essa piada foi boa, mas eu quero saber onde está o dinheiro!

— Você é John Canty, o bêbado ladrão que bate na mulher e nos filhos?

— perguntou o príncipe Eduardo.

— Sim, e você é o meu filho Tom e eu vou recuperar sua memória com este pedaço de pau.

👉 **TURVA:** opaca, escurecida

👉 **DECRÉPITO:** muito deteriorado, arruinado



John ergueu o bastão acima da cabeça e desceu com força contra o garoto, mas, como estava **EMBRIAGADO**, desequilibrou-se e errou o golpe. Eduardo queria fugir, mas estava preso no fundo do beco. O pai de Tom voltou à carga com o bastão, mas o jovem príncipe conseguiu **ESQUIVAR-SE** do segundo golpe. Contudo, seria difícil desviar de mais uma investida do ladrão enfurecido, pois Eduardo estava prensado contra a parede.

— Agora tu não me escapa, fedelho! — disse John ao erguer o sarrafo.

Estava pronto para golpear o garoto quando ouviu uma voz rouca e firme gritar:

— Pare com isso, John Carty. Pare com isso em nome de Deus!

Quando o ladrão se virou para ver quem falava com ele, Eduardo saiu correndo e passou pelo seu defensor “voando”, sem nem ao menos ter tempo para agradecê-lo. Furioso, John saiu correndo atrás do garoto e, ao passar pelo homem que o tentara defender, **DESFERIU** um golpe certeiro em sua cabeça. O sujeito foi ao chão e sobre seus cabelos brancos começou a brotar a tinta vermelha de seu sangue.

Apavorado com tudo aquilo, Eduardo não sabia para onde correr. Não foi difícil para Carty, conhecedor dos atalhos daquela periferia, pegar o garoto e levá-lo para o cortiço em Offal Court. Debaixo de cascudos, chutes e petelecos, chegando no quarto miserável em que viviam, Eduardo foi saudado com carinho pela mãe de Tom:

— Meu filho! O que aconteceu? Você está todo machucado! O que você fez com ele, John?!

— Alguém tem que educar esta pestel — disse o ladrão com sua voz bêbada.

A mãe de Tom abraçava Eduardo sem se dar conta de que aquele não era seu filho. Tinha vontade de esmurrar seu marido **BRONCO**, mas se tentasse algo não teria a mínima chance, por isso ficou quieta, engolindo em seco seu ódio e sua **SUBMISSÃO**.

- ☞ **EMBRIAGADO**: bêbado, alcoolizado
- ☞ **ESQUIVAR-SE**: desviar, arredar
- ☞ **DESFERIU**: aplicou, soltou
- ☞ **BRONCO**: tosco, rude
- ☞ **SUBMISSÃO**: obediência, subordinação

Quando anoiteceu, não havia comida para todos. John e a avó de Tom comeram pão e tomaram um pouco de vinho, enquanto as crianças apenas olhavam. Ficariam sem comida como castigo por não terem conseguido mendigar nada naquele dia. Eduardo estava horrorizado com as injustiças e as péssimas condições de vida da família de Tom. Queria fugir, mas tinha medo de se dar mal e apanhar uma nova surra. Além disso, estava cansado e com fome e por isso sentia dor de cabeça. Ao deitar-se nas palhas seu corpo dolorido relaxou e ele logo dormiu. A mãe de Tom dormiu ao seu lado, com pena, e passou uma compressa morna com folhas de um arbusto medicinal nos **HEMATOMAS** do garoto.

No meio da noite, todos acordaram assustados. Um homem batia com insistência na porta. Irritado, John foi ver quem era. Um gordo barbudo deu o recado:

— John, você tem que sumir daqui. O homem que você atingiu lá no beco...  
— O que tem ele?  
— Ele morreu! Com a pancada que recebeu.  
— E daí? — perguntou John com **DESDÉM**.  
— E daí que você matou o padre Andrew e duas pessoas viram você saindo do local do crime. A polícia não deve demorar para chegar aqui. Você tem que fugir!

## 4. O REI DOS LUNÁTICOS

Antes do amanhecer, John Canty, sua família e Eduardo já estavam longe de Offal Court. A situação do príncipe ficava cada vez mais preocupante, pois, se Tom conseguisse sair do palácio e retornasse a Offal Court, não o acharia por lá. Por isso, Eduardo aproveitou a única chance que apareceu. Ao passarem por uma rua cheia de gente, o garoto saiu correndo no meio da multidão e John não conseguia alcançá-lo. Temendo que o garoto denunciasse o assassinato, deixou que escapasse.

☞ **HEMATOMA:** mancha roxa formada por machucado

☞ **DESDÉM:** desprezo



Fraco, cansado, estressado e dolorido, Eduardo começou a gritar no meio da multidão:

— Abram caminho para o filho do rei! Abram alas para Eduardo VI, o príncipe de Gales!

Novamente as pessoas acharam muito engraçado que um mendigo ficasse gritando pelas ruas que era o príncipe. Ainda mais porque o rei havia morrido há algumas horas e todas aquelas pessoas comemoravam a morte de Henrique VIII, gritando em coro:

— Viva o fim do reinado de Henrique VIII! Viva o fim da **TIRANIA**! Viva a liberdade para a Inglaterra!

Ao dar-se conta do motivo daquela celebração, Eduardo sentiu um peso em seu peito. Embora quase todo o país estivesse comemorando a morte de um rei **PERVERSO**, este rei era seu pai e sempre o tratara com respeito e carinho. Entristecido com a notícia, o agora jovem rei da Inglaterra perdeu as forças e desabou chorando. Teria sido esmagado pelos seus próprios súditos, não fosse a intervenção de Miles Hendon, um homem de bem.

Indignado com a covardia e com a injustiça que a turba fazia contra o garoto, Miles colocou seu cavalo entre Eduardo e a multidão. Com a mão direita, ergueu sua espada e **BRADOU**:

— Ninguém aqui vai tocar na pele deste garoto indefeso. Não interessa o que ele tenha feito!

— Mas ele diz ser filho do agora falecido rei Henrique VIII!

— Isso não é motivo para linchá-lo! E nenhum de vocês vai pôr as mãos nele — gritou o valente Miles, movido pelo seu enorme senso de justiça.

Em seguida, estendeu sua mão esquerda para o garoto que sem hesitar aceitou a ajuda e, logo, os dois já saíam dali. Ao longe John Canty e seu amigo Hugo observavam a cena.

Miles era um homem solitário e bondoso. Havia passado sete anos guerreando, fora da Inglaterra, e havia acabado de voltar. Notando que Eduardo

☞ **TIRANIA**: modo opressor e cruel de governo

☞ **PERVERSO**: mau, de péssima índole

☞ **BRADOU**: exclamou, gritou

precisava de ajuda, não hesitou em levá-lo para a estalagem onde estava hospedado. Lá, cuidou do novo amigo, preparando uma refeição para os dois. Achou engraçado quando Eduardo ficou parado em frente da pia, um pouco impaciente, batendo os pés no piso para chamar a atenção de seu salvador. Sem entender o que estava acontecendo, Miles falou:

— Não fique aí parado. Lave as mãos, garoto. Nós vamos jantar agora.

— Então venha logo. Traga a água. Parece esquecer-se de que agora que meu pai morreu eu sou o rei da Inglaterra?

Miles pensou em rir. Depois pensou em dar uma lição no moleque folgado. Mas, como era uma pessoa calma, refletiu melhor e concluiu que o comportamento de Eduardo era fruto de uma loucura. Esperava que fosse algo passageiro e por isso resolveu embarcar naquele “conto de fada”. Foi até seu rei e, com um jarro, serviu-lhe a água para que lavasse as mãos. Depois Eduardo ordenou que lhe alcançasse a toalha que estava a menos de um metro do garoto. Levando tudo com bom humor, Miles estendeu a toalha ao rei, inclinando um pouco o tronco e fazendo com o braço a tradicional reverência.

Depois, Miles o chamou para o jantar, puxou a cadeira e fez um gesto para Vossa Majestade sentar. Assim que Eduardo sentou, Miles ocupou a cadeira ao lado, arrancando uma certa indignação de Eduardo.

— Como ousa sentar ao lado do rei! Um criado deve permanecer em pé até ser convidado!

Miles quis rir da precisão na loucura de seu “reizinho”, mas se-manteve sério e ergueu-se com a postura apropriada. Porém, como estava cansado demais para ficar em pé, teve a seguinte idéia:

— Vossa Majestade, mil perdões pela minha conduta. Jamais deveria ter me sentado sem a sua permissão. Contudo, gostaria muito de partilhar de sua presença e fazer-lhe companhia. Portanto, se não fosse pedir muito, desejaria que Vossa Majestade me ordenasse cavaleiro da corte, por tê-lo defendido hoje à tarde. Assim poderia proteger-lhe oficialmente e com mais **AFINCO**.

Agindo como um verdadeiro rei, Eduardo levantou-se, tomou a espada de Miles Hendon e o sagrou cavaleiro da corte de Eduardo VI, rei da Inglaterra.

👉 **AFINCO:** dedicação, persistência





Miles sentiu um calafrio por dentro. Embora não acreditasse na história do garoto, seus gestos eram precisos e sua expressão, sincera. O gesto de Eduardo aumentou-lhe a estima e fez-lhe um bem para as pernas, já que agora poderia sentar-se à mesa com seu rei.

Na manhã seguinte, Miles acordou cedo, abriu um velho baú e escolheu roupas, que, se não eram novas, pelo menos não estavam rasgadas e poderiam ser usadas por Eduardo. O cavaleiro pretendia voltar para sua casa, a mansão da família Hendon, naquela manhã e estava em seus planos levar o jovem rei com ele. Depois de selecionar as roupas, *SIR* Hendon saiu de casa e foi buscar algo para comerem. Eduardo dormia pesado. Quando voltou, uma hora mais tarde, foi até o quarto do rei, mas a cama estava vazia! Pediu explicações para um criado da estalagem: um homem havia estado lá e dito que viera buscar Eduardo a mando de Hendon.

Sem perder tempo, Miles perguntou ao criado que caminho os dois haviam tomado. O criado indicou e o cavaleiro saiu a galope. Se sua família tinha esperado sete anos, poderia esperar mais um pouco, pensou. Eduardo havia sido levado por Hugo, amigo do temível John Canty. Eduardo só se deu conta de que fora enganado quando Hugo entrou na floresta, com a desculpa de que Hendon estava lá. O garoto tentou escapar mas foi amarrado e vendado por Hugo. Horas depois, chegaram num acampamento perdido na floresta. Tiraram a venda de Eduardo e o jogaram num galpão sujo. O rei procurou uma saída, mas estava tudo trancado. Do lado de fora os ladrões bebiam e dançavam à luz de uma fogueira. Eduardo deitou-se no canto do galpão escuro e, lembrando de seu pai, começou a chorar. A tristeza e o desânimo dominaram-no e o garoto sofreu sozinho até que, vencido pelo cansaço, dormiu profundamente.

Quando acordou, a porta do galpão estava aberta. Eduardo saiu e logo ficou cercado por dezenas de ladrões.

— Quem é você? — perguntou o líder da quadrilha.

— Sou Eduardo VI, rei da Inglaterra, e vocês vão se arrepender por terem me seqüestrado!



*SIR*: tratamento dado a cavaleiros

O bando de ladrões caiu na gargalhada ao ouvir a frase daquele jovem vestido como um mendigo.

— Este garoto é meu filho — disse John Canty, aproximando-se do rei —, ele está louco. Pensa que é mesmo o filho de Henrique VIII.

— Penso e tenho certeza de que sou. E você será enforcado por ter assassinado o padre Andrew!

Novamente os ladrões riram do rapaz e de sua ousadia. Mas o chefe do bando não gostou de ouvir aquilo, pois não admitia traições entre seus bandidos. Por isso mandou Eduardo ficar quieto e também disse para ele parar com a história de se dizer rei, pois, no futuro, poderia ser preso e enforcado por isso.

Como o garoto manteve os gestos e a postura de um soberano, com o passar dos dias os ladrões apelidaram-no de Fou-Fou I, o rei dos Lunáticos. Com seu jeito, Eduardo cativou boa parte dos ladrões que admiravam seu comportamento sincero. Mas havia os que apenas debochavam dele, como Hugo, que passou a detestar as maneiras e as atitudes do garoto. Essa situação culminou numa **FERRENHA** briga entre os dois.

Hugo queria que Fou-Fou mendigasse dinheiro de um casal enquanto ele fingia-se de doente. Caso o casal não desse o dinheiro eles o assaltariam. Mas Eduardo recusou participar do plano e Hugo desferiu um soco contra ele. O golpe pegou o rei **DESPREVENIDO** e o derrubou. Irritado, o garoto levantou-se com pressa e partiu para o **REVIDE**. Com uma seqüência de socos rápidos e certeiros, Eduardo derrubou seu adversário. Nocauteado na terra suja, Hugo sequer podia imaginar a quantidade e a qualidade de treinamentos de esgrima, lutas orientais, chutes e socos a que o jovem rei havia sido submetido desde sua infância.

Ver o adversário no chão deu-lhe **ÂNIMO**. Era a primeira vez que lutava de verdade, longe da academia real do castelo, e o resultado o motivou a tentar uma fuga. Nos dias seguintes Eduardo recolheu uma pequena faca no

- 👉 **FERRENHA:** acirrada, disputada
- 👉 **DESPREVENIDO:** despreparado
- 👉 **REVIDE:** resposta, contra-ataque
- 👉 **ÂNIMO:** disposição, vontade



acampamento. Na primeira oportunidade que teve, usou o instrumento para cortar a corda com que lhe amarravam à noite e ganhou a floresta.

## 5. O SOLAR DOS HENDON

Após sua fuga, Eduardo não sabia ao certo para onde ir. Decidiu seguir sempre em frente até que saísse da floresta. Com dez horas de caminhada chegou a uma estrada. Tomou o rumo da esquerda e seguiu confiante. Quando tinha fome, alimentava-se de frutas. Quando tinha sede, procurava um riacho ou mesmo uma poça d'água. A vontade de voltar à capital era maior do que as **PRIVAÇÕES** pelas quais passava. Tinha o objetivo de reencontrar seu amigo Miles no **SOLAR** da família Hendon, pois se lembrava de o cavaleiro ter mencionado que ambos iriam para sua casa no dia em que Eduardo tinha sido raptado. Essa idéia o mantinha motivado.

O que o rei Eduardo não sabia era que Miles estava na floresta em busca dele. No dia seguinte à fuga de Fou-Fou I, os ladrões separaram-se em pequenos grupos para procurar o garoto. Um desses grupos encontrou Miles e lhe fez muitas perguntas. O cavaleiro logo deduziu que seu amigo havia escapado. Teve vontade de combater aqueles seqüestradores covardes, mas achou melhor permanecer **NEUTRO** e não criar conflitos, já que eles não o haviam reconhecido.

Quando o grupo foi embora, Hendon tratou de rumar de volta para Londres, pois **PRESSENTIU** que Eduardo o procuraria lá. Seguiu pela estrada e no dia seguinte encontrou seu amigo muito enfraquecido. Ao ver Miles, Eduardo sorriu. Sem perder tempo, os dois mandaram-se dali, antes que os bandidos os achassem. À noite, Miles acendeu uma fogueira e assou um porco-do-mato, que havia caçado durante a viagem. Disse que estava feliz em rever seu jovem amigo.

- ☞ **PRIVAÇÃO:** restrição, impedimento
- ☞ **SOLAR:** morada de família nobre
- ☞ **NEUTRO:** que não toma partido, imparcial
- ☞ **PRESSENTIU:** desconfiou, suspeitou



— Sir Hendon, prometo que quando tudo estiver resolvido, você será recompensado pela sua dedicação e valentia. Palavra do rei da Inglaterra!

Miles agradeceu. Já não achava graça no “**DEVANEIO**” do garoto. Para mudar de assunto, resolveu contar a sua história para Eduardo. A família Hendon era rica, poderosa e seguia as tradições. Artur era o filho mais velho e, desde seu nascimento, estava prometido para se casar com sua prima Edith, a quem Artur não amava. Miles confessou a Eduardo que Edith era o seu grande amor. Desde a infância os dois eram inseparáveis. Na adolescência chegaram a namorar escondido, mas quando Edith completou dezesseis anos, Miles decidiu ausentar-se, para não sofrer e para não desrespeitar a vontade de seu pai que havia acertado o casamento entre Artur e Edith.

Por isso Miles decidira alistar-se no exército inglês e, durante sete anos, esteve longe de sua terra natal. Quando a saudade tornou-se insuportável, o guerreiro voltou. Precisava rever seu pai, seus irmãos, seu país e... Edith.

No entanto, ao entrarem no saguão da mansão dos Hendon, Miles percebeu que alguma coisa não estava bem. Os dois foram recebidos por um criado que os tratou com indiferença, mesmo após Miles ter se identificado. O cavaleiro pensou que tal comportamento se devesse ao fato de o criado ser novo na casa. Porém, quando entraram na casa, mesmo os antigos criados, que ele reconhecia, não o reconheceram e o tratavam com frieza. Perguntou por seu pai. Obteve a resposta de que estava morto há cinco anos! Miles sentiu uma dor aguda no peito, como se seu coração se partisse. Emocionado e irritado com a indiferença dos criados, Miles falou:

— Vocês não estão me reconhecendo? Sou Miles Hendon! Parti desta casa há sete anos!

Os criados continuaram quietos. Miles perguntou por Artur e novamente a resposta foi de que estava morto. As notícias eram terríveis e Miles teve que se controlar muito para não puxar sua espada e cortar aqueles criados que agiam de forma tão estranha. Para piorar eles não queriam deixar Miles subir para falar com Edith ou com Hugh, seu irmão caçula. Só com muito custo conseguiu convencê-los de que precisava subir.

➡ **DEVANEIO:** imaginação, sonho



— Miles Hendon morreu na guerra. Recebemos uma carta alguns anos atrás informando sobre seu fim trágico — disse Hugh, irmão mais novo de Miles, com uma voz grave, descendo as escadarias do saguão principal.

— Você é um impostor e eu ordeno que se retire daqui agora ou mandarei prendê-lo por profanar a memória de meu irmão, por invasão de domicílio e perturbação da ordem!

— Você só pode estar brincando, Hugh! Passei sete anos fora, mas não mudei tanto assim. Se sou capaz de reconhecer você e os criados, naturalmente vocês também podem me reconhecer. Onde está Edith?

Naquele momento, Edith aparecia na parte de cima da escadaria. Seu coração acelerou-se ao ver Miles, mas ela permaneceu calada.

— Edith! Sou eu, Miles! Você não me reconhece? Não acredito! O que está acontecendo aqui?

Não houve resposta. Apenas um sorriso sacana na cara de Hugh.

— Aposto que isso é obra sua, Hugh. Você sempre foi ambicioso e perverso. Sempre usou de todos os métodos, inclusive os **ILÍCITOS**, para conseguir o que queria. Não duvido que tenha assassinado o papai para tomar conta de tudo e que tenha dado um fim a Artur para se apoderar de Edith. Não duvido que tenha **FORJADO** a tal carta para meter a mão na minha herança e para fazer com que Edith me esquecesse...

— BASTA! — gritou Hugh. — Prendam este lunático mentiroso e seu jovem companheiro. Tranquem e joguem a chave fora!

## 6. UM REI NA PRISÃO

Na prisão os dois amigos passaram por situações que os fizeram rever vários conceitos.

Nos primeiros dias, Eduardo ficou muito irritado. Não admitia que pudesse estar preso numa cadeia imunda, já que era a autoridade máxima de

☞ **ILÍCITO:** ilegal

☞ **FORJADO:** falsificado, inventado

toda a Inglaterra. Mas, aos poucos, foi tirando proveito da situação e aprendendo com ela. Por exemplo: desde pequeno, Eduardo foi criado para acreditar que a Inglaterra era um país justo. Entretanto, com menos de uma semana no **CÁRCERE**, aprendeu que o sistema judiciário era deficiente e corrupto. Julgava a maioria dos crimes de acordo com a posição social de quem os cometia. Os nobres raramente iriam para a cadeia, mesmo que tivessem cometido crimes gravíssimos. As celas da prisão estavam lotadas de homens, mulheres e crianças. Todos pobres.

Conversando com seus colegas, o rei ficou horrorizado. Duas mulheres tinham sido presas e depois queimadas em fogueiras montadas em praça pública apenas por serem da religião batista. Um garoto havia sido enforcado por roubar roupas num varal. Um homem havia achado um falcão e o levou para casa. Quando encontrou seu animal de estimação, o dono do falcão denunciou o homem, que foi condenado à morte por **CHIBATADAS**.

Naquele ambiente de sofrimento, Eduardo obteve ensinamentos valiosos sobre as imperfeições da justiça em seu país e jurou para si mesmo que, quando retornasse ao poder, faria de tudo para melhorar a vida daquelas pessoas. Miles Hendon também apresentou mudanças na cadeia. Ficou muito envergonhado por ter sido **RENEGADO** por seu irmão e por sua prima e condenado como impostor e mentiroso. Disse a Eduardo que desde criança seu irmão Hugh apresentava **DISTORÇÕES** no caráter, mas que não esperava que ele fosse tão longe em sua ambição a ponto de assassinar o próprio pai e o irmão.

Como Eduardo parecia perdido em seus pensamentos, Miles perguntou a ele:

— Você acredita em mim? Acredita que eu digo a verdade quando falo que sou irmão de Hugh e herdeiro **LEGÍTIMO** do solar dos Hendon?

- ☞ **CÁRCERE**: prisão, cadeia
- ☞ **CHIBATADA**: pancada de chibata (vara de junco)
- ☞ **RENEGADO**: rejeitado, desprezado
- ☞ **DISTORÇÃO**: deformidade, defeito
- ☞ **LEGÍTIMO**: autêntico, genuíno



— É claro que acredito, *Sir Miles*. Somos amigos e eu confio em meus amigos. Não se preocupe com sua situação. Assim que eu reassumir o trono da Inglaterra, darei um jeito em Hugh. Agora, deixe-me trabalhar. Tive uma idéia: vou escrever uma carta em inglês, latim, francês e grego, endereçada ao lorde Hertford, contando sobre nosso paradeiro e toda essa confusão. Quando souberem que estou aqui, virão nos salvar e esse pesadelo terá um fim.

Vendo o garoto escrevendo e falando com tanta seriedade e determinação, Miles teve vergonha por não acreditar nele antes. Sentiu na própria pele o que era ser chamado de lunático e mentiroso e aprendeu a confiar nos verdadeiros amigos por mais estranhas que possam ser as coisas que eles dizem.

Escrevendo a carta, Eduardo pensava que lorde Hertford deveria estar organizando uma busca por todo o reino para encontrá-lo. Pensava também em quem estaria governando o palácio depois da morte de seu pai. Essas dúvidas martelavam sua cabeça, mas não tinha como **SANÁ-LAS**. Somente quando Blake, um antigo criado do solar dos Hendon, foi visitar Miles na prisão é que Eduardo pôde esclarecer suas dúvidas:

— Diga-me, Blake, agora que o rei Henrique está morto, quem está governando o reino da Inglaterra?

— Ora, quem... O novo rei! — disse Blake, admirando-se com a desinformação do garoto.

— Que novo rei? — perguntou Eduardo.

— Em que planeta você vive, rapazinho? O rei Eduardo VI, filho de Henrique VIII!

— É mesmo? — perguntou o verdadeiro Eduardo num tom de voz incrédulo.

— É! Mas dizem que está louco — disse Blake baixando seu tom de voz. — Guardem segredo, pois agora é crime comentar a saúde mental do rei. Deus ajude a Inglaterra! O rei morto era um tirano! E dizem que o rei posto está maluco! O pior é que vai ser oficialmente coroado dia 20 em Westminster!

☞ **SANÁ-LAS:** resolvê-las



Eduardo ficou **DESNORTEADO** com aquelas notícias. Quando se perguntava quem estaria tomando o seu lugar, não imaginava ninguém, a não ser Tom. Mas Tom era um mendigo, praticamente ignorante, sem nobreza, sem uma **LINHAGEM** real! Tom não tinha o sangue azul e seria muito perigoso para a Inglaterra ser governada por alguém sem preparo, pensava o jovem monarca. Mais do que nunca, Eduardo precisava deixar a prisão e rumar para Westminster, com o objetivo de impedir a coroação.

No dia seguinte um carcereiro leu a sentença de Miles Hendon. Por ser réu primário, o cavaleiro foi condenado a receber cinqüenta chibatadas e mais uma semana de prisão. Eduardo assistiu à punição do amigo sem nada poder fazer e depois foi libertado. Aquele espetáculo doloroso o motivou a enfrentar quem quer que fosse para retomar o trono e mudar de vez os destinos da Inglaterra, conduzindo-a pelo caminho da justiça.

Miles ficou muito mal após o **AÇOITAMENTO**, praticamente só dormiu durante a semana a mais em que passou na prisão. Solto antes, Eduardo queria ficar preso para cuidar de seu amigo, coisa que os guardas não permitiram. Por isso resolveu partir para a **ABADIA** de Westminster. Tinha que estar lá para a coroação do rei.

Quando Miles deixou a prisão, faltavam apenas dois dias para a cerimônia real. Miles procurou seu amigo nas periferias de Londres, sempre tentando identificar pequenos grupos de pessoas ou sinais de arruaça, pois acreditava que Eduardo estivesse por aí, arrumando confusão a cada vez que dizia ser o rei. Embora se esforçasse bastante, Miles não conseguiu encontrar o garoto. Estava muito cansado e as costas ainda ardiam devido às chibatadas. Para piorar, foi roubado duas vezes. O primeiro **LARÁPIO** levou seu dinheiro e os outros dois assaltantes levaram suas botas. Miles pagou um preço caro por circular na periferia. Cansado e faminto, dormiu embaixo da ponte.

- 👉 **DESNORTEADO:** desorientado, desatinado
- 👉 **LINHAGEM:** condição social, estirpe, família
- 👉 **AÇOITAMENTO:** ato de açotar, ferir, flagelar
- 👉 **ABADIA:** mosteiro governado por um abade (chefe religioso)
- 👉 **LARÁPIO:** ladrão



Enquanto isso, Tom passeava **RADIANTE** e orgulhoso pelas ruas de Londres e era saudado pela multidão. O novo rei trazia esperança para o povo sofrido. Naquelas poucas semanas em que trocara de lugar com Eduardo e, sem querer, assumira o trono da Inglaterra, Tom aprendera muitas coisas e já começava a fazer fama pela sua bondade e pelo seu olhar atencioso para com os pobres. Por isso cada vez mais os nobres diziam que estava louco, embora fosse crime maldizer a pessoa sagrada do rei. Por isso também o povo saía às ruas e seguia o cortejo dando vivas à Eduardo VI, abanando lenços e sorrindo.

A própria mãe de Tom e suas irmãs gêmeas estavam na multidão. Quando a carruagem dele passou perto delas, ele não as viu direito. Ficou em dúvida se aquelas eram mesmo sua mãe e suas irmãs e depois se arrependeu por não haver ordenado que a carruagem parasse. O **DESCASO** para com sua mãe foi o que bastou para Tom esquecer-se da felicidade que sentia ao ser saudado pelo povo no passeio e lembrar-se da vida chata que levava no palácio. A rotina do falso rei era **MAÇANTE**: participava de reuniões longas, na maioria das vezes discutindo assuntos de pouca importância. Lia, estudava, examinava e assinava diversos documentos **ENFADONHOS**, muitos dos quais ele nem entendia para que serviam. Além disso não tinha amigos e não se sentia à vontade com toda aquela bajulação. Só para vestir-se era auxiliado por catorze pessoas! E tinha que comer utilizando vários talheres, vários copos, um para cada tipo de bebida, e vários pratos também, de acordo com o cardápio.

Quando a comitiva entrou na abadia de Westminster, Tom sentiu um frio na barriga. Em pouco tempo seria proclamado e coroado oficialmente como o novo rei da Inglaterra.

- ☞ **RADIANTE**: cheio de alegria
- ☞ **DESCASO**: desatenção, desapreço
- ☞ **MAÇANTE**: chato, aborrecedor
- ☞ **ENFADONHO**: cansativo, maçante, fastidioso



## 7. O VERDADEIRO REI DA INGLATERRA

O ceremonial transcorria normalmente. Do lado de fora da abadia, a multidão cantava hinos patrióticos saudando o país e o novo rei. Do lado de dentro, o imenso auditório estava lotado com todos os integrantes da nobreza britânica. **ARISTOCRATAS** de todo o país haviam sido convidados.

No momento mais importante, quando o lorde Hertford preparava-se para pôr a coroa na cabeça de Tom, um silêncio tomou conta do saguão. Tom fechou os olhos, mas antes de sentir o peso da coroa de ouro em sua cabeça, ouviu um grito atravessar o auditório:

— Lorde Hertford! Eu o proíbo de coroar este jovem. Eu sou o verdadeiro rei da Inglaterra! — gritou Eduardo, que havia se escondido na abadia desde a **VÉSPERA** do evento.

Quatro guardas imediatamente correram para o local onde Eduardo estava e o immobilizaram. Teriam-no espancado e seu destino seria a forca, não fosse a ordem de Tom, exigindo que o soltassem. Todos ficaram muito surpresos com a cena. Enquanto Tom procurava explicar que Eduardo era o verdadeiro filho de Henrique VIII, os presentes não deixavam de reparar na incrível semelhança entre os dois.

Desconfiado com o acontecido, Hertford fez uma série de perguntas sobre o castelo, os integrantes da corte, os costumes de Henrique VIII... e Eduardo respondeu a todas elas com maestria. Como alguns integrantes da corte continuavam em dúvida, Hertford teve uma idéia brilhante. Perguntou a Eduardo onde estava o sinete real, a peça que havia sido guardada pelo próprio Eduardo quando ainda era príncipe e que, durante o reinado de Tom, permanecera sumida, uma vez que o mendigo não sabia onde ela estava.

Com um breve esforço de memória, o verdadeiro rei se lembrou de onde havia guardado o precioso objeto. Tom mandou que lorde Hertford fosse buscá-lo. Quando voltou, trazia um ar de satisfação no rosto e o sinete na mão direita. A multidão que esperava pelo desfecho daquele impasse começou a aplaudir o verdadeiro rei Eduardo VI.

☞ **ARISTOCRATA:** nobre, fidalgo

☞ **VÉSPERA:** dia anterior



Norfolk mandou que os guardas prendessem Tom por lhe julgar impostor, mas Eduardo reagiu na hora e lembrou que o garoto sempre falara a verdade e fora tido como louco por isso. Além disso, Hertford argumentou que, não fosse pela intervenção de Tom, Norfolk estaria morto, pois esse era o desejo do rei Henrique. Envergonhado, Norfolk pediu desculpas.

Eduardo VI decidiu presentear Tom com o título de “Pupilo do Rei” e instituiu uma data para celebrar o curto reinado de Tom, marcado pela bondade e pela **TOLERÂNCIA**. Nos dias seguintes, o rei dedicou-se a procurar a mãe e as irmãs de Tom e também seu protetor, *Sir Miles Hendon*. Seus homens encontraram-no em frente ao castelo. Havia batido nele e o estavam levando para a prisão por suspeitarem de suas intenções para com o rei. O que salvou Miles foi o fato de os guardas terem achado em seu bolso a carta escrita por Eduardo em vários idiomas, explicando toda a situação.

Assim que se encontraram, Eduardo deu um grande abraço em seu amigo e o apresentou a Hertford, Tom e outros homens de confiança na corte. Com o poder real, Miles conseguiu reaver o solar de sua família. Hugh fugiu para a França e Edith confessou que fora obrigada a negar que conhecia Miles, caso contrário, Hugh mataria os dois. Meses depois, soube-se que Hugh havia morrido numa briga de bar ao sul de Paris. A notícia fazia de Edith uma viúva e possibilitava a Miles retomar o namoro com ela. John Canty e a avó de Tom nunca foram encontrados e o mendigo que foi rei achou melhor assim, pois não gostaria de ver seu pai ser enforcado, mesmo sabendo que ele era um **CRÁPULA**.

Os anos que se seguiram foram marcados por uma reforma ampla no sistema judiciário inglês, pelo abrandamento das **PENAS** e por um aprimoramento das casas de detenção. Eduardo combateu a fome e a miséria e tentou reduzir a grande distância que separava a nobreza dos menos favorecidos. Seu reinado foi lembrado por muitos anos pelo povo, como uma **BÊNÇÃ**O dos céus num tempo de grandes dificuldades.

- ⇒ **TOLERÂNCIA**: qualidade de suportar, agüentar em silêncio
- ⇒ **CRÁPULA**: canalha, calhorda
- ⇒ **PENA**: castigo, punição
- ⇒ **BÊNÇÃ**O: presente, graça divina

# ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Que cena do livro chamou mais a sua atenção? Por quê?
- 2) Você tem muitos amigos? Do que vocês brincam? Você já experimentou alguma das brincadeiras de Tom?
- 3) Quem você acha que era mais feliz: o príncipe ou o mendigo? Por quê?
- 4) E quanto à sua vida, ela é mais parecida com a do príncipe ou com a do mendigo? Por quê?
- 5) O que o padre Andrew ensinou para Tom e qual foi a importância disso na vida dele?
- 6) Você gosta de ler? Com a permissão de seu professor, recomende para seus colegas um livro que você tenha gostado bastante. Fale o porquê de você ter gostado dele.
- 7) A história passa-se por volta de 1530. Você acha que o mundo mudou muito de lá pra cá? Cite cinco mudanças e cinco coisas que permanecem iguais.
- 8) Certamente você já viu uma criança mendigando. Escreva uma redação contando essa experiência. Onde foi? O que ela falou? Como você reagiu? O que você sentiu?
- 9) Quem era John Canty? O que ele fazia com seus filhos e sua esposa? Você conhece pessoas que agem como John Canty?
- 10) Vestido como um príncipe, Eduardo foi bem tratado e respeitado pelos guardas. Porém, com as roupas de um mendigo, o garoto chegou até a apanhar. O que você pensa sobre essa situação? Você dá importância para o modo como as pessoas se vestem?
- 11) No livro, o governante máximo da Inglaterra era o rei. O dirigente mais importante do Brasil é o presidente. Cite duas diferenças entre o presidencialismo e a monarquia e depois compare sua resposta com a dos colegas.
- 12) Teoricamente, na monarquia o rei é escolhido pela vontade divina e na democracia o presidente é escolhido pela vontade popular. Qual desses sistemas você acha mais justo?



- 13) Você gostaria de trocar de lugar com outra pessoa por algumas semanas? Com quem? Por quê?
- 14) Se assumisse a presidência do Brasil, o que você faria? Quais seriam seus planos, suas idéias?
- 15) E se o presidente assumisse a sua vida por algumas semanas, o que você acha que ele faria?
- 16) Forme um grupo de três ou quatro alunos. Escolha uma cena do livro que tenha diálogos e a represente para o resto da turma. Caso seja necessário você pode modificar um pouco o texto.
- 17) No livro, a justiça inglesa é mostrada como injusta e corrupta. E quanto à justiça brasileira? O que você pensa dela?
- 18) No livro muitos crimes tinham como punição a pena de morte. O que você acha disso? Você é contra ou a favor da pena de morte? Em quais casos?
- 19) Que mudanças no comportamento do rei Eduardo você notou durante a narrativa?
- 20) Com qual personagem do livro você mais se identificou? Por quê?



# O PRÍNCIPE E O MENDIGO

**Mark Twain**

## BIOGRAFIA DO AUTOR

Mark Twain nasceu nos Estados Unidos, na cidade de Flórida, no estado do Missouri, em 1835.

Quando tinha doze anos, seu pai morreu e Twain teve que começar a trabalhar. Seu irmão ofereceu a ele emprego na redação de seu jornal, tarefa que Twain exerceu também nos estados de Nevada e Califórnia, anos depois.

Dos vinte e dois aos vinte e sete anos, Twain ganhou a vida como minerador na Corrida do Ouro e como piloto de embarcações subindo e descendo o rio Mississippi. Até então Mark Twain era conhecido como Samuel Clemens (seu nome de batismo), mas a navegação no Mississippi acabou rebatizando Samuel, que passou a chamar-se Mark Twain, expressão usada para sondar a profundidade do rio e que significava algo como quatro metros de água embaixo do barco.

Com trinta e dois anos, Twain começou a escrever seus livros. A maioria de seus escritos retrata a vida e o linguajar típicos das pessoas do sul dos Estados Unidos em meados do século XIX. A história e a geografia das localidades descritas também são um motivo de destaque na obra de Twain. Os anos como piloto no rio Mississippi foram fonte constante de inspiração para Twain, que na época ficou famoso como um escritor que fazia seus leitores rirem.

As *Aventuras de Tom Sawyer*, publicado em 1876, e sua continuação, As *Aventuras de Huckleberry Finn*, publicado em 1884, são seus dois livros



mais consagrados. *O Príncipe e o Mendigo* foi publicado em 1882, num período em que o autor viajou à Europa.

Alguns críticos dizem que a própria literatura norte-americana começa e ter uma cara realmente estadunidense a partir de Mark Twain, pois, antes dele, muitos autores apenas imitavam histórias de escritores europeus.

Twain escreveu muitos livros e viajou por diversos países para divulgá-los. Apesar disso, o final de sua vida foi muito triste, pois sua esposa e duas de suas três filhas morreram antes dele, que faleceu em 1910 com 75 anos.